

## A ARTE DO DESPERTAR:

### UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE THOREAU

#### *THE ART OF AWAKENING: AN INTRODUCTION TO THOREAU THINKING*

Isadora Tabordes<sup>1</sup>

**Resumo:** Não é passível de negação dizer que se trata de uma tarefa bastante exigente trazer a perspectiva de Henry David Thoreau (1817-1862) para o meio da discussão filosófica, uma vez que esse é um caminho ainda pouco percorrido. Entretanto, aqueles, raros, que já tocaram seus pés nesse trajeto ao longo de suas caminhadas, deixaram firmes marcas na superfície da terra, com as quais podemos nos beneficiar em seguir. Nesse sentido, nosso propósito, nesse breve e introdutório trabalho, é lançar luzes principalmente à obra *Walden ou a Vida nos Bosques* (1854), naquilo que a mesma pode ter a dizer acerca da filosofia e da vida como uma coisa só.

**Palavras-Chave:** Thoreau; Walden; Existência

**Abstract:** It cannot be denied to say that it is a very demanding task to bring Henry David Thoreau's (1817-1862) perspective into the midst of philosophical discussion, since this is a path still little traveled. However, those rare people who have ever touched their feet on this path along their walks have left firm marks on the surface of the earth with which we can benefit from following. In this sense, our purpose in this brief, introductory work is to shed light on the work: "Walden or Life in the Woods" (1854), on what it may have to say about philosophy and life as one thing.

**Key-words:** Thoreau; Walden; Existence

## 1. Introdução

Henry David Thoreau nasceu e morreu na pequena cidade de Concord, Massachusetts. Conhecido frequentemente a partir de seu ensaio político "*Desobediência Civil*", tornou-se um dos nomes mais notáveis da literatura norte-americana, ainda que seja verdadeiro dizer que sua grandiosidade tenha vindo a ser realmente reconhecida apenas nos tempos seguintes, haja vista que para os seus contemporâneos, sua importância se confundia com a marcante presença de Ralph Waldo Emerson, autor já conhecido em seu tempo, cujo nome voltaremos a tocar em linhas futuras ao falarmos do transcendentalismo norte-americano e suas

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia Moral e Política no departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: isadoraf.tabordes@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0996077990660208>

influências. Para além do seu feito de desobediência em ser preso por negar-se a pagar impostos, um outro elemento para o qual devemos imputar alguma responsabilidade pelo aumento de leitores e admiradores da obra de Thoreau também diz respeito ao fato de que o autor se propôs a viver uma vida fidedigna com suas ideias em vários âmbitos de sua vida, distanciando-se da civilização aos 27 anos.

Durante dois anos, dois meses e dois dias, Thoreau dedicou seu tempo à vida nos bosques, uma vez que construiu uma cabana à margem das águas transparentes do lago Walden, em busca de uma vida mais verdadeira, a partir das coisas que podia prover a si mesmo, colocando em prática seu otimismo no que diz respeito aos recursos da natureza humana.

“Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido. Não queria viver o que não era vida, tão caro é viver; e tampouco queria praticar a resignação, a menos que fosse absolutamente necessário. Queria viver profundamente e sugar a vida até a medula.”  
(THOREAU, 2016, p.95)

Inquieto e pescando na transitoriedade dos rios, Thoreau jamais se sentiu satisfeito com o modo a partir do qual as pessoas conduziam suas vidas, por esse motivo, deixou suas severas críticas à educação, à política e, em suma, à perspectiva existencial corriqueira de modo geral. O curso calmo da existência, não podia atraí-lo, assim, não é por um mero acaso nossas referências ao ato de caminhar, uma vez que, o considerado “pai do ambientalismo”, valorizava com demasiada veemência as caminhadas, as expedições, isto é o movimento, tendo em vista que esse é o modo com qual podemos vitalizar nossos músculos e pensamentos, bem como expandir nossa capacidade de olhar as coisas por diferentes ângulos. Esse elemento é de tamanha centralidade, que poderíamos facilmente mudar o título desse texto para a “A arte de sair do lugar”<sup>2</sup>.

Na bagagem, agora, ele poderia carregar a honra de ter influenciando figuras notáveis como Liev Tolstói, Mohandas Karamchand Gandhi, e Martin Luther King Jr, fato este que sugere, quase que inegavelmente, a importância e o imenso ganho na leitura séria de suas palavras, ou seja, uma leitura com a mesma “reserva e deliberação” a partir da qual ele as escreveu.

<sup>2</sup> Muitos dos escritos de Thoreau assumem a forma de relatos de viagens, expedições ou caminhadas.

Ler bem, isto é, ler livros verdadeiros com espírito verdadeiro, é um exercício nobre, e que exigirá do leitor mais do que qualquer exercício valorizado pelos costumes do momento. Requer um treino como o dos atletas, a dedicação constante quase de uma vida toda a esse objetivo. Os livros devem ser lidos com a deliberação e reserva com que foram escritos. (THOREAU, 2016, p.104).

Henry David Thoreau está inserido em um restrito grupo de “Transcendentalistas”, e, embora possam haver algumas ressalvas para situá-lo genericamente nesse meio extremamente diversificado que é o transcendentalismo, não deixa de ser um interessante ponto de partida para analisarmos o contexto no qual o autor estava inserido, uma vez que é a partir disso que podemos pensar as influências exercidas em seu pensamento, bem como é possível nos perguntarmos se haveria uma ligação de Thoreau com a tradição kantiana, haja vista que o romantismo britânico abriu as portas para as interpretações das obras de Kant, e que o autor de “*Walden ou A vida nos bosques*” poderia ter entrado em contato por uma via de consequência ao estar imerso nesse contexto da Nova Inglaterra da primeira metade do século XIX.

No mais, também será digna de atenção àquela perspectiva na qual se visualiza um possível intuicionismo moral nas concepções thoreauvianas, para desse modo, montarmos a arquitetura de suas ideias voltadas à possibilidade de uma moral.

Ainda que estejamos há 200 anos de distância historicamente desse amante da natureza, a necessidade de pensarmos as carências de nosso tempo grita, como certa vez nos seus ouvidos gritou. Nesse sentido suas raízes filosóficas lançam precisas luzes na rapidez de nossos dias para iluminar a estrada de uma reforma moral e, desse modo, pensarmos suas críticas dirigidas ao modo de viver engendrado em nossa concepção de existência.

Quando consideramos qual é, para usar as palavras do catecismo, a principal finalidade do homem, e quais são as verdadeiras necessidades e meios de vida, parece evidente que os homens escolheram deliberadamente o modo usual de viver porque o preferiram a qualquer outro. No entanto, eles acreditam honestamente que não tinha outra escolha. (ibidem, p 22).

O propósito de construir ferrovias, se perde se não soubermos para onde ir. Todas desesperadas precauções se perdem se, por fim, morrermos perdidos entre o ontem e o amanhã, sem nunca ousarmos conhecer a aurora do hoje. Desperdiçando tempo, ferindo a eternidade, correndo apressadamente à moda do trem, dedicamos nossas melhores horas aos trabalhos que sustentam nossas falsas necessidades, sem conceber que antes de construirmos

pontes, melhor seria construir novos caminhos de pensamentos para que assim fôssemos verdadeiramente mais longe.

## 2. Transcendentalismo

Conhecido por sua diversidade e conseqüentemente pela dificuldade de classificação no que tange à natureza de seus ideais, o transcendentalismo pode ser pensado como um movimento intelectual com raízes na filosofia transcendental kantiana, bem como na necessidade de olhar para existência de um modo distinto ao que tradição vigente estabelecia, assim, também servindo como uma rota de fuga do pensamento de John Locke. Constituído por grandes nomes tais como Orestes Brownson, William Ellery Channing, Frederick Henry Hedge e principalmente Raph Waldo Emerson, que para esse caso, assume papel de destaque, considerando que está entre as principais influências na formação intelectual daquele que viria a escrever obras como “*Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*”, “*Walden ou A Vida nos Bosques*”, “*Caminhada*” entre outros.

Evidentemente, seria necessária uma extensão desconhecida de páginas para aprofundarmos os pontos de aproximações, distanciamentos, desilusões e rupturas entre esses pensadores, no entanto, talvez não fosse concebível deixarmos de citá-lo ao falarmos desse tema, mesmo que estejamos extremamente distantes daqueles que assumem Thoreau como um mero discípulo de Emerson. Inconcebível seria ignorá-lo, primeiramente porque se trata do considerado pai do transcendentalismo, sendo a sua obra “*Nature*” (1836), um marco para o início dessa nova postura intelectual ao propor um contato mais original com a natureza, o qual demonstramos trazendo a seguinte citação:

Nossa era é retrospectiva. Constrói sepulcros aos antepassados, escreve biografias, histórias e criticismo. As gerações anteriores olhavam Deus e a natureza cara a cara; nós o fazemos através de seus olhos. Por que não desfrutaríamos também de uma relação original com o universo? Por que não haveríamos de ter uma poesia e uma filosofia que sejam fruto de nossa própria descoberta e não da tradição, e uma realidade que nos seja revelada, em lugar de ser a história daquela que foi revelada a eles? (EMERSON, 2011, p.6).

Entretanto, em segundo plano, embora não menos importante para nosso propósito, porque Raph Waldo Emerson foi aquele que forneceu trabalho, compartilhou ideias e sobretudo dividiu sua biblioteca pessoal com Thoreau.

A partir das movimentações na Nova Inglaterra entorno da recepção das ideias do Idealismo Alemão, parece certo pensarmos que diante de tamanho contato com as ideias kantianas, Thoreau poderia ter carregado em sua bagagem teórica alguma influência considerável, principalmente porque aqueles que estavam ao seu redor começavam beber nessa fonte, o que poderia sugerir que essa seja uma via concreta pela qual poderíamos compreender seu pensamento moral, no entanto, talvez isso pudesse significar forçar as costuras de um casaco que, porventura, poderia ser utilizado de outra maneira. Nas próprias palavras de Thoreau: “Confio que ninguém haverá de forçar as costuras ao vestir um casaco, pois pode ser de utilidade a quem nele couber.” (THOREAU, 2016, p.18).

Evidentemente não deixa de ser lúcido e interessante considerar as influências de Kant no pensamento moral de Thoreau, dado esse contexto no qual estava imerso, mesmo porque muitos comentadores percorrem essa via, porém o ponto que vale questionar é se encontrar luzes kantianas em suas obras é suficientemente frutífero para extrair disso uma saída para a construção de seu pensamento moral.

Nesse sentido, seguirmos a direção do transcendentalismo pode não ser algo tão vantajoso para nossos fins, por esse motivo, continuaremos nosso sobrevoo.

### 3. A arte do despertar

Diante de todas as coisas que podemos descobrir no universo, a capacidade humana do esforço autoconsciente e individual pelo constante aprimoramento é a maior delas, haja vista que é a partir desta que tocamos as restantes. A consciência humana é a única ferramenta que tem a capacidade de voltar-se para si, de fazer análises críticas sobre si mesma, de autoformar-se. Desse modo, esse é um dos pontos centrais dentro de “*Walden ou a Vida nos Bosques*”, no qual ele demonstra em diversas passagens a preocupação colossal em apontar a necessidade de trabalharmos na construção de nosso próprio templo, isto é, de nosso corpo. Em última instância, com a capacidade de despertar para uma vida verdadeira. Em suas palavras: “Somos todos escultores e pintores, e nosso material é nossa própria carne, nosso sangue e nossos ossos.” (ibidem, p.213).

Diferentemente das doutrinas que identificavam a mola propulsora de uma transformação pessoal em elementos exteriores, como um ideal de perfeição divina. Thoreau reconhecia no interior da vida esse gatilho, pensando nas inúmeras possibilidades de construção da própria existência, nas diversas formas de tornar a própria vida algo como uma

escultura ou pintura, ou seja, algo digno de ser contemplado. Desse modo, seu foco está na capacidade humana de empenhar-se a um propósito, de distanciar-se das inclinações que conduzem ao imobilismo. Desse modo, a responsabilidade da vida individual é imputada ao próprio indivíduo, seja ela como for, uma vez que a reforma moral é exatamente o esforço de expulsar o sono para depositar esforços a uma direção nutrida por maiores horizontes. Nesse sentido, o desafio é o de acordar e manter-se desperto para que não sejamos conduzidos às falsas preocupações e ansiedades delas derivadas.

[...] Milhões estão despertos o suficiente para o trabalho físico, mas apenas um em um milhão está desperto o suficiente para um efetivo esforço intelectual, apenas um em cem milhões para vida poética e sublime. Estar desperto é estar vivo. Temos de aprender a redespertar e nos manter despertos, não por meio mecânicos, mas por uma infinita expectativa da autora, que não nos abandona nem mesmo em nosso sono mais profundo. Desconheço fato mais estimulante do que a inquestionável capacidade do homem de elevar sua vida por um esforço consciente. (THOREAU, 2016, p.95).

Na mesma direção, o professor Eduardo Vicentini de Medeiros, um dos poucos nos departamentos de filosofia nacionais andantes dos trajetos deixados por Thoreau, em seu texto “*Moralidade em primeira pessoa*”, destaca uma interessante questão acerca de um tema presente em toda tradição ocidental, a saber, as paixões humanas, que resulta em um contraponto extremamente instigante para pensarmos a posição thoreauviana em relação à tradição filosófica.

As paixões despertam olhares suspeitos em muitos filósofos, tendo em vista que podem ser entendidas como tempestades, que mudam muitas coisas de lugar. Para um sábio Estóico, por exemplo, as paixões podem ser a ruína da harmonia humana, sendo derivadas de vícios, da má compreensão das conexões da ordem racional do universo. Todos temores, todas decepções dizem respeito ao ato de esperar, ou seja, tememos aquilo que pode acontecer, mas sentimos tal temor justamente porque não temos conhecimento acerca das conexões causais. Caso contrário, teríamos conhecimento, portanto, não temeríamos. Do mesmo modo, nos decepcionamos porque esperávamos do universo algo que não pôde se fazer coerente com a realidade.

Um outro exemplo bastante plausível diz respeito à ética kantiana, que identifica nas inclinações fundamento insustável para uma ação moral. No pensamento de Thoreau as suspeitas mudam o alvo, haja vista que:

O que devemos manter sob vigilância não são os apetites e as paixões, e sim as falsas necessidades que julgamos, erroneamente, como naturais, e acabam por impregnar nossos hábitos, condicionando-nos a luxos desmedidos que transformam-se, ao fim, em reais obstáculos ao nosso desenvolvimento. Com isso em mente, podemos retomar a passagem<sup>3</sup> sobre o carroceiro na estrada e pensar que o moral evil que destrói sua divindade não é o livre trânsito das paixões e apetites, mas sim encontrar-se preso a uma falsa opinião sobre si mesmo. (MEDEIROS, 2018, p. 44).

Mais do que as paixões ou os conflitos hedonistas, um maior peso pode ser dado à prisão consequente da falsa opinião que estabelecemos para nós mesmos. Um silencioso desespero, no qual vivemos nossas vidas como se não houvesse outra vida para viver, imersos no autoengano, condicionados às falsas necessidades que consomem nossas horas mais preciosas e produzem a epiderme que vestimos apressadamente acreditando honestamente não haver outra. Como veremos no tópico seguinte, o resultado de percorrermos esse desesperador caminho fundamentando na enganosa crença da necessidade ou nas opiniões alheias encontra severos problemas ao nos depararmos com uma concepção de moral, afinal “O que um homem pensa de si, é isso o que determina, ou, melhor, indica o seu destino.” (THOREAU, 2016, p. 21).

É nítida a modéstia com a qual Thoreau escreveu *Walden* ao pensar em seus leitores como estudantes pobres e conterrâneos, talvez porque estivesse em um contexto, como indicamos anteriormente, no qual a figura de Raph Waldo Emerson fosse muito mais reconhecida publicamente do que propriamente a dele. No entanto, para além dessa especulação, factual é que seu pensamento tomou dimensões grandes o suficiente para se tornar uma daquelas obras que poderiam servir como um marco na vida daqueles que a leem, sendo de uma atualidade assustadora nos mais diversos aspectos, seja nas perspectivas políticas ou nas críticas ao modo apressado com a qual passou-se a ver a vida, mas principalmente na perspectiva de formação educacional, que idolatrava em seu tempo, como idolatra hoje, modos de leitura para os quais a proliferação de textos “adocicados” só se intensificou desde 1854. Nesse sentido, é extremamente importante pensarmos essa relação do autor com a leitura, como indicamos na introdução desse texto, haja vista que Thoreau

---

<sup>3</sup> O exemplo do carroceiro escravo da opinião de si mesmo refere-se à seguinte passagem, encontrada na página 21 de “Walden ou A Vida nos Bosques”: “E falam na divindade do homem! Olhem o carroceiro na estrada, indo para o mercado de dia ou de noite; agita-se alguma divindade dentro dele? Seu supremo dever: dar palha e água a seus cavalos! O que é para ele o próprio destino em comparação ao lucro da carga?”.

dedica um capítulo inteiro de sua obra para pensar nosso contato com as palavras escritas, sendo elas capazes de falar ao coração e ao intelecto do ser humano.

Os livros heroicos, mesmo impressos no alfabeto de nossa língua materna, sempre estarão numa língua morta para tempos degenerados: e precisamos buscar laboriosamente o significado de cada palavra e verso, conjeturando, a partir da sabedoria, do valor e da generosidade que tivermos, um sentido mais amplo do que permite o uso comum. (THOREAU, 2016, p. 104).

Nesse capítulo, como é possível notar pela passagem selecionada acima, surgem fortes críticas àqueles leitores de sua época que buscavam leituras diluídas, romances açucarados, quando não somente a Bíblia. Lançando luzes, em suas críticas, aos clássicos, isto é, para os registros dos pensamentos mais nobres da história da humanidade, uma vez que a permanência em textos diluídos resulta no embotamento da vista, colocando seus adeptos em situação de empobrecimento na fala, nos pensamentos e perda geral das faculdades intelectuais, em suma, em um amolecimento embotado.

Somos subdesenvolvidos, atrofiados, iletrados; e neste aspecto, confesso que não faço nenhuma grande diferença entre o analfabetismo do concidadão que não sabe ler uma letra e o analfabetismo daquele que aprender a ler apenas para crianças e inteligências fracas. Devíamos ser tão bons quanto os valorosos da antiguidade, mas em parte isso consiste primeiro em saber quão bons eles eram. (ibidem, p. 110).

#### **4. Moralidade e deliberação**

Pelos sinais deixados por Thoreau, podemos extrair uma imperiosa perspectiva de moralidade, uma vez que se concebermos rigorosamente sua noção de vida, não existem válvulas de escape para as decisões humanas e toda vida é moral. Desse modo, essa possível concepção de moral, aponta o mais completo impedimento de uma vida irrefletida, isto é, toda ação, mesmo a mais frívola, diz respeito à moral, uma vez que o autor parece imbricar em um elemento único; vida e moralidade. Thoreau é insistente na ideia de que a escolha é sempre um dever, para o qual precisamos de vagar e deliberação constante nas escolhas de nossas metas. “Nossa vida é alarmantemente moral. Nunca há um instante de trégua entre a virtude e o vício. A bondade é o único investimento que nunca falha.” (ibidem, p. 210).

O desafio é o de conseguir olhar para além da superfície das coisas, examinar a si mesmo, ouvir as palavras de seu próprio gênio e, assim, alcançar a possibilidade de identificar as reais necessidades da vida, encontrar o próprio caminho. Nesse sentido, a própria natureza humana, acostumada a engendrar hábitos em sua constituição, desenvolve uma espécie de

segunda natureza. Uma camada superficial e falsa, algo a ser superado. Em seu capítulo de conclusão, Thoreau destaca essa questão de forma bastante enfática:

[...] É notável a facilidade e a insensibilidade com que caímos numa determinada rotina, e construímos uma trilha batida para nós mesmos. A superfície da terra é macia e se deixa imprimir pelos pés dos homens; o mesmo ocorre com os caminhos por onde viaja a mente. Como, então, devem ser gastas e empoeiradas as estradas do mundo, como são fundos os sulcos da tradição e da conformidade. (THOREAU, 2016, p. 305).

Em *Walden ou A Vida nos Bosques*, Thoreau relata a experiência de colocar a si mesmo à prova ao distanciar-se da sociedade em busca daquilo que é absolutamente necessário para existência humana, para desse modo construir alicerces para suas concepções expostas na referida obra. Não à toa, trata-se de um texto escrito inteiramente em primeira pessoa, o que nos conduz a pensar que seja um relato fidedigno de seus dias e seus pensamentos em torno do lago. Entretanto, o professor Eduardo Vicentini de Medeiros, propõe uma tese bastante intrigante de que poderia haver dois lados nessa moeda, isto é, para além do exercício autobiográfico, encontraríamos também a presença de uma identidade ficcional nas entrelinhas. Evidentemente, mesmo que fôssemos conceber apenas a questão autobiográfica igualmente poderíamos acabar incorrendo em questionamentos epistemológicos, tendo em vista que um ceticismo no que diz respeito a um pleno autoconhecimento poderia acusar qualquer autobiografia de ser uma obra ficcional e isso já geraria conteúdo para uma extensa discussão.

Entretanto, qual a concepção de necessidade absoluta sugerida por suas experiências na cabana? Parece útil antes sobressaltar a visão thoreauviana do valoroso em meio a um contexto altamente voltado para bens materiais e, para demonstrá-la, aproveitamos o momento para destacar uma bela passagem do capítulo de sua conclusão:

Mais do que amor, do que dinheiro, do que a fama, deem-me a verdade. Sentei a uma mesa onde havia rico pratos, vinhos em abundância e serviço obsequioso, mas não havia sinceridade nem verdade; e saí com fome daquela mesa pouco hospitaleira. A hospitalidade era fria como gelo. Pareceu-me que não precisariam de gelo para se congelar. Falaram-me sobre a idade do vinho e a fama da safra; mas eu pensava num vinho mais velho, mais novo e mais puro, de uma safra mais gloriosa, que eles não tinham e não poderiam comprar. (THOREAU, 2016, p 312).

A partir da citação selecionada acima podemos ter clareza de que nada podemos derivar em termos de sofisticação existencial e moral das riquezas materiais, nesse sentido parece propício pensarmos na maneira democrática pela qual Thoreau pensava as potencialidades humanas, uma vez que uma boa formação de si não está associada propriamente às condições financeiras, às possibilidades de acesso a uma boa educação, por exemplo, a uma universidade prestigiada. Na contramão do que poderia se pensar ingenuamente, considerando que embora Thoreau tenha frequentado Harvard, como consequência do esforço de seus familiares, esse não era um motivo de orgulho em sua trajetória, ainda que seja difícil uma negação no que diz respeito aos ganhos intelectuais desse período em sua vida, haja vista que não poderia deixar de ser uma relevante porta de acesso a muitas obras preciosas para sua formação.

Por fim, se fossemos tentar colocar o pensamento moral de Thoreau em alguma tessitura conhecida, provavelmente incorreríamos em colocá-lo em alguma perspectiva de intuicionismo moral, considerando que o autor entende que o bom se apresenta a nós como consequência de um progresso moral. Nesse sentido, o elemento basilar retorna, a saber, ao apelo à consciência. Entretanto, parece não ser suficientemente frutífero aproximá-lo de qualquer concepção fechada, se olharmos apenas para suas palavras escritas, uma vez que para pensarmos em caminhos seguros para trilhar uma associação ao intuciocinismo moral, precisaríamos buscar nutrientes novamente em seu contexto, trazendo principalmente a questão do Unitarismo<sup>4</sup> e suas influências no pensamento de Thoreau, o que consequentemente nos distanciaria momentaneamente do foco de buscarmos suas ideias, tais como ele as escreveu.

## 5. Considerações finais

Não se deve negar que embora Thoreau seja extremamente avesso às concepções de sua época, isso jamais implicou em um pessimismo no que diz respeito às condições de desenvolvimento de melhores maneiras de vida, uma vez que é possível identificar muitas convicções otimistas no que diz respeito à natureza humana, não apenas por considerar como motor primordial a capacidade da vontade de romper com longas cadeias associativas, mas também ao pensar que as capacidades

---

<sup>4</sup> O Unitarismo diz respeito a uma corrente de pensamento teológico que afirma a unidade absoluta de Deus. Um tipo particular de Cristianismo liberal. Em sua versão americana, a ênfase é dada à liberdade de cada ser humano para buscar a sua própria Verdade e à necessidade de cada um buscar o crescimento espiritual sem a necessidade de dogmas e doutrinas.

dos homens ainda não foram medidas em termos de condições de possibilidade suficientes.

Todos precedentes dos limites humanos foram muito pequenos, haja vista que o erro encontra-se em nosso modo de vida cômodo e enganoso, em nossa condição de abandono da maior das obras para a qual deveríamos estar depositando nossos esforços, a saber, na construção de nosso próprio templo, na formação de si, uma vez que não existem escolas incomuns com esses propósitos, afinal as preocupações estão voltadas para a construção de pontes, prédio da prefeitura, preservação da batata, mas quanto ao apodrecimento humano, quem haverá de se ocupar com tal demanda? Em suas palavras: “Enquanto a Inglaterra se ocupa em curar a podridão da batata, ninguém se empenhará em curar a podridão do cérebro, que predomina de uma maneira muito mais vasta e fatal?” (THOREAU, 2016 p. 307).

É notável a acidez com a qual o autor tece críticas ao modo vigente de se relacionar com o desenvolvimento das capacidades humanas, concluindo que optamos pela preocupação demasiada com tarefas corriqueiras voltadas às falsas necessidades materiais em detrimento da dedicação ao aperfeiçoamento de capacidades mais nobres que conduziriam a uma vida mais sofisticada.

[...] Uma única chuva branda aviva o verdor do capim. Assim também nossas perspectivas brilham à chegada de melhores pensamentos. Seríamos abençoados se vivêssemos sempre no presente, e aproveitássemos toda ocorrência que nos sucede. Em vez de gastar nosso tempo expiando de oportunidades passadas, o que dizemos ser o nosso dever. Tardamo-nos no inverno quando já é primavera. (ibidem, p. 297).

Fazer uma associação entre a arte do despertar, a saber, a habilidade de se colocar no momento presente com a moralidade thoreaviana, parece ser um caminho instigante para pensarmos a proposta de reforma moral a partir da capacidade de expulsão do sono constante de nossas vidas, isto é, colocar-se no cruzamento entre duas eternidades, a do passado e a do futuro, possibilitando a plenitude do presente.

Nesse sentido, seu pensamento está associado à uma perspectiva individualista de reforma da humanidade, tendo em vista que o ponto de partida é sempre o indivíduo e a dedicação com a arte do aprimoramento, para que o resultado seja um conjunto de pessoas despertas o suficiente para a moralidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVELL, Stanley. **The Senses of Walden**. University of Chicago Press, 1992.

EMERSON, Ralph Waldo. **Natureza**. Tradução Davi Araújo. Santa Catarina: Dracaena, 2011.

MEDEIROS, Eduardo. **Moralidade em Primeira Pessoa**. Pelotas: NEPFIL Online, 2018. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2018/09/Thoreau-VFinal.pdf>>. Acesso em: 28 de outubro, 2019.

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Walden ou A vida nos bosques**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2016.